

Violência obstétrica no contexto do cuidado gravídico-puerperal

Obstetric violence in the context of pregnancy-puerperal care

La violencia obstétrica en el contexto de la atención de embarazo-puerperal

Recebido: 10/06/2023 | Revisado: 22/06/2023 | Aceitado: 23/06/2023 | Publicado: 28/06/2023

Bianca da Silva Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9190-0593>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: biancamonteiro019@gmail.com

Gustavo Henrique Alves Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5783-3002>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: gustavo2023.gh@gmail.com

Bruno da Silva Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4527-3956>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: bruno.silva@ceupi.edu.br

Lidyane Rodrigues Oliveira Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4954-5584>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: lidyane.santos@ceupi.com.br

Aryanne Cristina Ferreira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4492-0267>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: aryanne-cristina11@outlook.com

Bianka Borges de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5258-9093>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: borgesbianka7@gmail.com

Francisca Kamilla Sousa dos Anjos

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1698-4549>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: kamillaanjos54@gmsil.com

Láisa da Silva Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8204-1620>

Centro Universitário Uninovafapi, Brasil

Email: laisaddsilva05@gmail.com

Maria Renata Alves Cardoso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7968-7797>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: mariarenata1245@outlook.com

Maria Samira Costa Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2550-3179>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: mariasamira2017@hotmail.com

Suse Kellem Gomes Guimarães

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2042-6635>

Centro de Ensino Unificado do Piauí, Brasil

Email: susy.guimaraes77@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo é analisar como a violência obstétrica se evidencia e caracterizá-la de acordo com a literatura a nível mundial. Para criação deste projeto, utilizamos a estratégia metodológica Revisão Integrativa da Literatura, foram selecionados 14 obras para a construção deste estudo. Dos estudos que compuseram os resultados 7,14% foram publicados na América do Norte (Cuba); 35,71% na América do Sul (Brasil); 35,71% na África (Quênia, Etiópia e África); 14,28% na Ásia (China e Índia) e 7,14% na Europa (Espanha). A violência obstétrica é comum nas instituições de saúde, sendo a falta de informação um fator agravante. O preparo dos profissionais é fundamental para enfrentar e prevenir atos desumanos contra as mulheres durante o parto, assim como o acompanhamento primário da gestação e educação sobre os direitos das gestantes. A criação de uma legislação para a proteção das mulheres durante todo o processo do parto e punição dos responsáveis é essencial. Entretanto, futuros estudos com enfoque no

enfrentamento efetivo da violência obstétrica podem contribuir ainda mais para esse campo de pesquisa. Além disso, a visão de profissionais de diversas áreas da saúde sob as diversas faces do tema.

Palavras-chave: Violência obstétrica; Violência contra as mulheres; Parto obstétrico.

Abstract

The objective of this study is to analyze how obstetric violence is evidenced and characterize it according to the literature worldwide. To create this project, we used the methodological strategy Revisão Integrativa da Literatura, 14 works were selected for the construction of this study. Of the studies that composed the results, 7.14% were published in North America (Cuba); 35.71% in South America (Brazil); 35.71% in Africa (Kenya, Ethiopia and Africa); 14.28% in Asia (China and India) and 7.14% in Europe (Spain). Obstetric violence is common in health institutions, and lack of information is an aggravating factor. The preparation of professionals is fundamental to face and prevent inhuman acts against women during childbirth, as well as the primary monitoring of pregnancy and education on the rights of pregnant women. The creation of legislation for the protection of women throughout the process of childbirth and punishment of those responsible is essential. However, future studies focusing on the effective confrontation of obstetric violence may contribute even more to this field of research. In addition, the vision of professionals from various areas of health under the various faces of the theme.

Keywords: Obstetric violence; Violence against woman; Obstetric delivery.

Resumen

El objetivo de este estudio es analizar como la violencia obstétrica es evidenciada y caracterizarla de acuerdo con la literatura mundial. Para su elaboración se utilizó la estrategia metodológica Revisión Integrativa de la Literatura, se seleccionaron 14 trabajos para la construcción de este estudio. De los estudios que compusieron los resultados 7,14% fueron publicados en América del Norte (Cuba); 35,71% en América del Sur (Brasil); 35,71% en África (Kenia, Etiopía y África); 14,28% en Asia (China e India) y 7,14% en Europa (España). La violencia obstétrica es frecuente en las instituciones sanitarias, y la falta de información es un factor agravante. La preparación de los profesionales es fundamental para afrontar y prevenir actos inhumanos contra las mujeres durante el parto, así como el seguimiento primario del embarazo y la educación sobre los derechos de la mujer embarazada. Es fundamental la creación de legislación para la protección de las mujeres durante todo el proceso del parto y el castigo de los responsables. Sin embargo, futuros estudios centrados en el enfrentamiento efectivo de la violencia obstétrica podrán contribuir aún más a este campo de investigación. Además, la visión de profesionales de diversas áreas de la salud bajo las diversas caras del tema.

Palabras clave: Violencia obstétrica; Violencia contra la mujer; Parto obstétrico.

1. Introdução

A violência obstétrica (VO) é uma ocorrência que vem atingindo diversas mulheres no decorrer dos anos. (Rattner, 2009). Apesar de se tratar de uma problemática antiga, ainda é uma realidade muito frequente e pouco comentada nos dias atuais.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) descreve a violência obstétrica como “violação dos direitos humanos fundamentais” e relatam algumas formas de ocorrência como abusos verbais, violência física, ausência de confidencialidade, restrição à presença de um acompanhante, procedimentos coercivos ou não consentidos, invasão de privacidade, cuidado negligente antes, durante e após o parto, recusa em administrar analgésicos, abstenção de internação em instituições de saúde, entre outros (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2014).

Diariamente várias mulheres sofrem com esse tipo de violência e são incapazes de identifica-la, muitas acabam normalizando essas praticas no processo do parto, isso acontece devido o desconhecimento sobre assunto por parte dos pacientes e conseqüentemente prejudica a efetuação da denuncia e a punição dos responsáveis. A violência institucional está constantemente se evidenciando na atenção ao parto e configura um grave problema de saúde publica no Brasil, contudo não existe uma legislação ou regulamentação que proteja a mulher contra a VO e condene os profissionais de saúde no País, por isso muitas mulheres sentem-se desamparadas e desprotegidas durante o processo reprodutivo (Sena & Tesser, 2016).

No contexto mundial, existem algumas importantes legislações que se destacam em relação o tema violência obstétrica, como a Lei da Proteção Integral das Mulheres (Lei 26.485/2009) da Argentina que define o VO como um ato

exercido pelos profissionais de saúde e que se evidencia em diversos momentos dentro da atenção em saúde e que está incluída na modalidade violência contra a mulher (Argentina, 2009). No mesmo sentido tem-se, na Venezuela, a Lei 38.668/2007 ou Lei Orgânica sobre o Direito das Mulheres a uma Vida livre da Violência (Venezuela, 2007).

Para a maioria das mulheres o parto é um acontecimento único e simbólico em que elas concedem a vida a um novo ser. É um momento de muita emoção e vulnerabilidade e deve ser lembrado por toda a vida. Contudo, em algumas ocasiões algumas dessas pessoas são submetidas a situações traumáticas como violência física, verbal e/ou psicológica e que acarretam grande abalo emocional e danos irreversíveis a parturiente. Em vista disso, a Rede Parto do Princípio expressa que muitas vezes a dor do parto no Brasil é retratada como “dor da solidão, da humilhação e da agressão, com práticas institucionais e dos profissionais de saúde que criam ou reforçam sentimentos de incapacidade, inadequação e impotência da mulher e de seu corpo” (2012, p. 7).

Muitos profissionais, por possuírem um maior conhecimento científico, ignoram a autoridade da paciente e retiram o seu poder de escolha, determinando por conta própria quais os procedimentos a ser realizados na hora do parto, provocando uma desqualificação da assistência e uma violação dos direitos da mulher. Além disso, adotam uma postura autoritária e descabida na qual as usuárias sentem-se oprimidas e obrigadas a obedecer às normas e seguir as regras impostas pelos atendentes, essa situação tende a diminuir a confiança no cuidado prestado, impossibilitar a criação de vínculos, interromper as interações e geram um ambiente propício para o surgimento das diversas formas de VO (Sánchez, 2015).

Atualmente, a violência obstétrica vem repercutindo muito nas mídias sociais e nas redes de televisão. No ano 2022 o programa Fantástico, produzido pela rede Globo, expôs vários casos de VO, entre os casos mais comentados estão o caso da influenciadora digital Shantal Verdelho, que sofreu violência durante o parto pelo médico Renato Kalil, segundo o relato, o mesmo teria tentado realizar a episiotomia sem necessidade e sem o consentimento da mesma, além de tê-la submetido à manobra Kristeller (Globo, 2022a). Ademais, outra situação que chocou o país foi o caso do anestesista Giovane Bezerra, que estuprou uma paciente sedada durante o parto. Segundo a reportagem, o mesmo teria introduzido seu órgão genital na cavidade bucal da vítima durante sua sedação, sendo flagrado por uma equipe de enfermeiras que filmaram sem a percepção do médico a ocorrência do crime (Globo, 2022b).

Para Jardim e Moderna “O reconhecimento das facetas desse fenômeno aponta para o desafio diário de atuar no cenário obstétrico cercado de sua existência e naturalizado em ações rotineiramente empregadas” (2018, p.8). No entanto, é notório um grande déficit no discernimento no que diz respeito à violência no âmbito obstétrico.

Diante das evidências expostas, surgiu a seguinte questão norteadora: Como a violência obstétrica se evidencia e quais suas formas de ocorrência?

O objetivo deste estudo é analisar como a violência obstétrica se evidencia e caracterizá-la de acordo com a literatura a nível mundial.

2. Metodologia

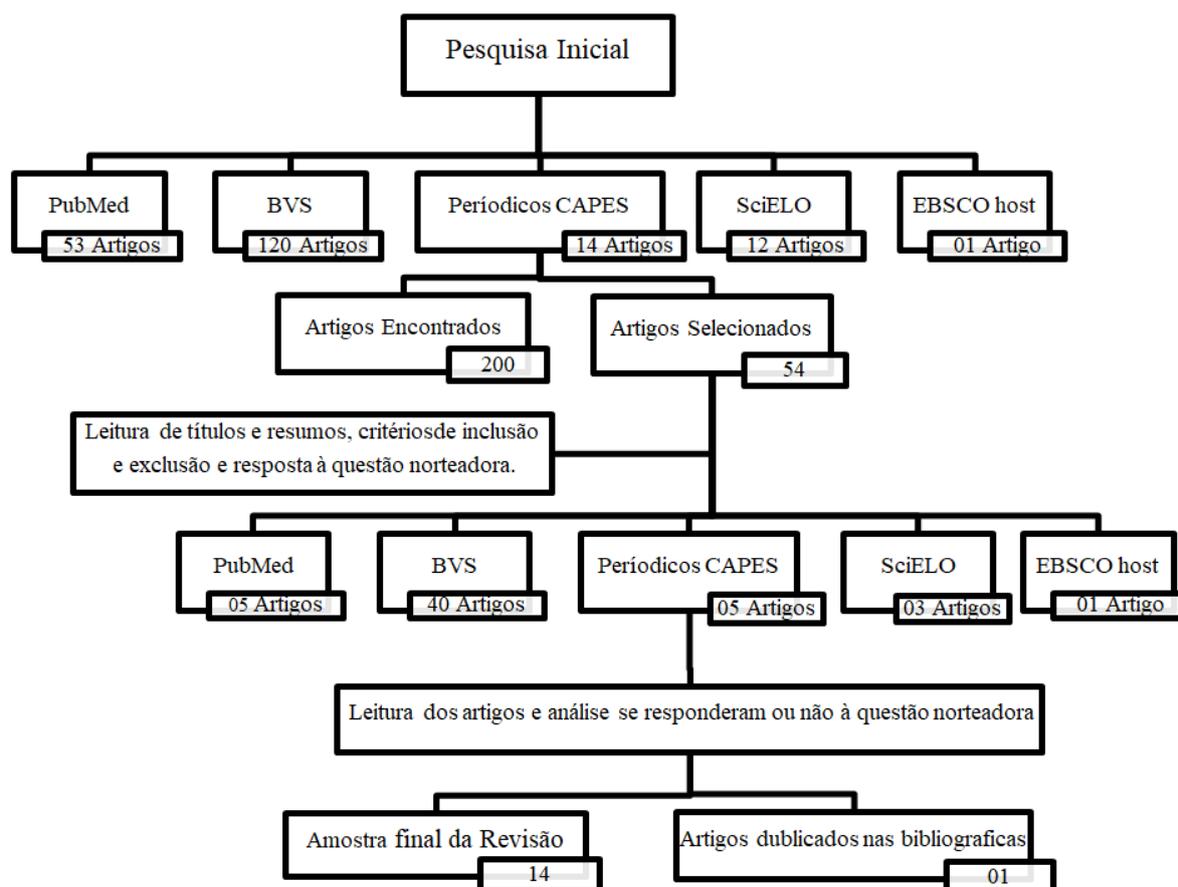
Para criação deste projeto, foi utilizada a estratégia metodológica Revisão Integrativa da Literatura, incorporando conhecimentos científicos provenientes de pesquisas acadêmicas com o propósito de identificar as melhores evidências científicas a serem aplicadas no cuidado cotidiano. Este método busca reunir, sintetizar e analisar de forma sistemática e organizada o conhecimento científico existente sobre um determinado tema de interesse, permitindo assim, uma compreensão mais aprofundada do assunto ao longo do tempo (Souza *et al.*, 2010).

Nesse contexto, a presente revisão foi baseada nas seguintes etapas: definição do tema e elaboração da questão de pesquisa; determinação dos critérios de inclusão e exclusão; pré-seleção e seleção dos estudos identificados; análise, leitura e interpretação dos resultados (Souza *et al.*, 2010).

A busca bibliográfica foi realizada em pares, utilizando os descritores selecionados no Descritores em Saúde (DECS): violência obstétrica (obstetric violence), violência contra as mulheres (violence against woman) e parto obstétrico (obstetric delivery), com base na questão norteadora que seguiu a estratégia PICO para sua elaboração, sendo o acrônimo P = Mulheres no período gravídico-puerperal, I = Violência obstétrica e Co = Hospital. A pesquisa foi efetuada nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online – SciELO, National Library Of Medicine – PubMed, Periódicos CAPES, EBSCOhost e na Biblioteca Virtual em Saúde – BVS.

Foram determinados os seguintes critérios de inclusão: estudos de cunho qualitativos e quantitativos, nos idiomas português, espanhol e inglês, publicados no período de 2018 a 2022 e que respondessem a questão norteadora: Como a violência obstétrica se evidencia e quais suas formas de ocorrência? Os critérios de exclusão foram: documentos editoriais (cartas, textos opinativos, reflexões, percepções, etc.), revisão integrativa da literatura, textos narrativos e relatos de casos. Para um melhor entendimento, foi criado um fluxograma com todas as etapas de seleção da amostra desta revisão (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma com todas as etapas de seleção da amostra desta revisão.



Fonte: Autores (2023).

O método de busca foi iniciado nas bibliotecas virtuais PubMed e Periódicos CAPES e repetida nas demais bases de dados. Na pesquisa inicial foram encontrados 200 artigos, nos quais foram lidos os títulos e resumos e analisados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, após essa etapa foram excluídos 146 artigos.

Na última etapa, foram selecionadas 54 publicações para a leitura na íntegra e avaliação se cumpriam todos os requisitos propostos neste estudo. Posteriormente, os artigos lidos que se mostraram discordantes para integrar a amostra final foram reavaliados, podendo ser excluídos ou não. Contudo, os textos selecionados para a amostra final foram aqueles que além de responderem a questão norteadora, dispuseram adequação metodológica e apresentaram o tema de forma consistente. Ao final desse processo, 14 publicações foram designadas e compuseram a amostra final da presente revisão.

3. Resultados

Nesse contexto, após a seleção e análise dos dados dos artigos incluídos nesta revisão, foi identificado que aproximadamente 28,57% dos artigos foram publicados em 2018; 21,42% em 2019; 21,42% em 2020; 14,28% em 2021 e 14,28% em 2022. Quanto ao local de publicação, 7,14% foram publicados na América do Norte (um na Cuba); 35,71% na América do Sul (cinco no Brasil); 35,71% na África (um Quênia, três na Etiópia e um na África); 14,28% na Ásia (um na China e um na Índia) e 7,14% na Europa (um na Espanha).

Além disso, para uma melhor visualização dos estudos que compõem esta pesquisa, foi elaborado o Quadro 1 abordando as seguintes informações: título, autores, país e ano de publicação, tipo de estudo, objetivo e conclusão. Ademais, após a leitura dos artigos selecionados foi possível elaborar o Quadro 2 e separar os tipos de violência obstétrica e exemplificar cada um deles.

Quadro 1 - Resumo das publicações utilizadas nesta revisão integrativa.

Nº	Título	Autores	País / Ano.	Tipos de estudo	Objetivo	Conclusão
01	Parto e nascimento na região rural: a violência obstétrica.	Silva, <i>et al.</i>	Brasil 2018	Quantitativo, exploratório, descritivo e transversal.	Investigar as formas de violência obstétrica na assistência prestada ao parto e ao nascimento	Foram encontrados diversos casos de violência obstétrica na região rural do Brasil investigada, semelhantes aos dados nacionais, enfatizando a necessidade de medidas para erradicá-la.
02	Medindo maus-tratos de mulheres durante o processo de parto: implicações para avaliações de qualidade de atendimento	Abuya, <i>et al.</i>	Quênia 2018	Ensaio clínico controlado / Estudo observacional / Estudo prognóstico.	Descrever como os maus-tratos à mulher e o processo clínico de cuidado variam ao longo do processo de parto desde a admissão, parto e cuidados no pós-parto imediato.	A prevalência e os preditores de maus-tratos na assistência materna mudaram, assim como a qualidade clínica durante o processo de parto. Medir os maus-tratos durante o parto revela os tipos e motivadores, bem como as lacunas na qualidade do atendimento que exigem intervenções inovadoras. Os maus-tratos são um indicador importante para identificar a necessidade de melhorias na qualidade da assistência.
03	Identificando desrespeito e abuso na cultura organizacional: um estudo de dois hospitais em Mumbai, Índia.	Madhiwalla, <i>et al.</i>	Índia 2018	Estudo qualitativo	Fornecer uma melhor compreensão dos impulsionadores institucionais de desrespeito e abuso (D&A) no parto.	A pesquisa constata que há violações dos direitos das mulheres durante a maternidade e que os profissionais responsáveis por ela justificam suas atitudes. Foram analisadas as estruturas e processos que influenciam as interações entre profissionais e mulheres. A discussão sobre a discriminação e abuso levou à inclusão da experiência das mulheres na discussão sobre a qualidade do cuidado e destaca a necessidade de uma mudança cultural nos sistemas de saúde.
04	Experiências de violência materna e risco de depressão pós-	Zhang, <i>et al.</i>	China	Meta-análise	Avaliar a associação entre experiências de violência materna e risco de desenvolver	Evidenciou de forma atualizada o risco de Transtorno Depressivo Pós-Parto (DPP) associado a experiências de violência materna. Os resultados indicaram que as mulheres que sofreram

	parto: uma meta-análise de estudos de coorte.		2018		depressão pós-parto (DPP) por meio da realização de uma meta-análise de estudos de coorte.	violência apresentaram um maior risco de desenvolver DPP em comparação com aquelas que não sofreram violência. Além disso, subtipos específicos de violência, como violência sexual, emocional e física, bem como violência doméstica e infantil, também foram associados a um risco aumentado de DPP.
05	Prevalência de desrespeito e abuso durante o nascimento de crianças em instalações e fatores associados. Centro Médico da Universidade Jimma, Sudoeste da Etiópia.	Siraj, <i>et al.</i>	Etiópia 2019	Estudo transversal baseado em unidade.	Este estudo avaliou a prevalência de desrespeito e abuso sofrido por mães durante o parto em unidade de saúde e fatores associados.	A alta prevalência de abuso e desrespeito durante o parto em estabelecimentos de saúde indica uma crise no sistema de saúde. Para promover o parto em instalações, é necessário abordar efetivamente o problema do abuso e desrespeito, garantindo maior adesão das mulheres. Uma solução possível é aumentar a presença de profissionais do sexo feminino durante os partos, o que pode ajudar a reduzir esse problema.
06	O saber de puérperas sobre violência obstétrica	Silva, <i>et al.</i>	Brasil 2019	Estudo qualitativo, descritivo, exploratório.	Analisar os saberes de puérperas sobre violência obstétrica.	Aborda a importância do conhecimento das mulheres sobre a violência obstétrica durante o parto para ser capaz de identificar e/ou intervir durante a identificação da violência.
07	Violência obstétrica e seus fatores associados entre mulheres no pós-parto em um hospital especializado abrangente, região de Amhara, noroeste da Etiópia.	Mihret	Etiópia 2019	Estudo transversal de base institucional	Avaliar a prevalência e os fatores associados à violência obstétrica entre mulheres que deram à luz no Hospital Integral Especializado da Universidade de Gondar, noroeste da Etiópia.	Neste estudo, foi observada uma alta prevalência de Violência Obstétrica (VO), especialmente entre residentes urbanos e frequentadores de escolas primárias. As formas mais comuns de VO relatadas foram cuidados não consentidos, cuidados não dignos e abuso físico. Portanto, as intervenções devem levar em consideração as diferentes formas de VO relatadas, bem como a situação sociodemográfica dos participantes.
08	Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem.	Oliveira, <i>et al.</i>	Brasil 2020	Qualitativo/ Fenomenológica heideggeriana	Compreender o significado da violência obstétrica para mulheres.	Evidenciou a necessidade de fortalecer a consulta de pré-natal fornecida pelo enfermeiro, abordando uma variedade de tópicos reflexivos e fornecendo atendimento abrangente de qualidade com foco tanto na prevenção quanto na cura.
09	Desrespeito e abuso de mulheres durante o processo de parto em unidades de saúde na África subsaariana: uma revisão sistemática e meta-análise	Kassa, <i>et al.</i>	África 2020	Meta-análise	Determinar a prevalência de desrespeito e abuso de mulheres durante o processo de parto em unidades de saúde na África subsaariana.	O estudo mostrou que mulheres sofrem desrespeito e maus tratos em instalações de saúde durante o parto. É essencial que o Ministério da Saúde, profissionais e especialistas em saúde materna priorizem os direitos e o bem-estar das mulheres durante o parto em instalações de saúde.
10	Aspectos da Violência Obstétrica Institucionalizada	Bezerra, <i>et al.</i>	Brasil 2020	Descritivo e Qualitativo	Descrever aspectos de violência obstétrica vivenciada durante o trabalho de parto e parto.	Destaca-se a importância de os profissionais de saúde se conscientizarem sobre a necessidade de alterar as rotinas e garantir um cuidado livre de violência obstétrica, buscando assegurar o bem-estar das mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal.
11	A magnitude do problema da violência obstétrica e seus fatores associados: um estudo transversal.	Martínez-Galiano, <i>et al.</i>	Espanha 2021	Observacional e Transversal	Determinar a prevalência de violência obstétrica no sistema de saúde espanhol e identificar os fatores associados	De acordo com a pesquisa, a maioria das mulheres (66,67%) sentiu que sofreu violência obstétrica durante o parto. Por outro lado, práticas como contato pele a pele e o uso de planos de parto respeitados ajudaram a prevenir a violência obstétrica.
12	Manifestações de violência durante o parto percebido por mulheres e profissionais de saúde.	Damas, <i>et al.</i>	Cuba 2021	Qualitativo	Identificar as manifestações de violência obstétrica que ocorrem no parto e a percepção que mulheres e profissionais da saúde têm sobre o fenômeno.	A pesquisa abordou a questão da violência obstétrica durante o parto, analisando as relações existentes entre as categorias identificadas. Além disso, foram propostas novas perspectivas para que o parto possa ser encarado como um evento natural e gratificante.
13	Violência obstétrica: Uma prática vivenciada por mulheres no processo de parturição?	Costa, <i>et al.</i>	Brasil 2022	Exploratório- descritivo e Quantitativo	Identificar a prática da violência obstétrica vivenciada no processo da parturição.	Conclui-se que ainda ocorrem atos violentos nos atendimentos prestados às parturientes. Portanto, destaca-se a importância do empoderamento feminino e da adesão às boas práticas obstétricas.
14	Violência obstétrica e fatores associados entre mulheres durante o parto em instalações na Zona Gedeo, sul da Etiópia	Molla, <i>et al.</i>	Etiópia 2022	Transversal e Quantitativo	Avaliar a magnitude da violência obstétrica e fatores associados entre mulheres durante o parto na Zona Gedeo, sul da Etiópia.	A violência obstétrica foi significativa em termos de amplitude. O tipo mais recorrente era o cuidado não digno e sem o consentimento da gestante, que pode levá-la a optar pelo parto em casa ao invés de buscar assistência médica qualificada em uma unidade de saúde. Essa escolha aumenta consideravelmente o risco de morbidade e mortalidade da mãe, conforme suportado pela abordagem qualitativa adotada na pesquisa.

Fonte: Autores (2023).

Quadro 2 - Tipos e exemplos de violências obstétricas.

TIPOS	EXEMPLOS
Violência Psicológica	Gritos, ameaças, intimidação, chantagem, culpabilização, atribuir à mulher a incapacidade de parir, etc.
Violência Física	Uso de episiotomia, cesarianas desnecessárias, manobra de Kristeller, realização de procedimentos sem uso de anestesia, contenção física durante o parto, manejo inadequado da dor, etc.
Violência Verbal	Críticas, insinuações desrespeitosas, comentários discriminatórios, ironia, humilhação, constrangimento, julgamentos, frases como: “Na hora de fazer não tava gritando”, “Se não parar de gritar, eu paro o que estou fazendo”, entre outras.
Violência sexual	Realização de exame vaginal (toque) na genitália da mulher sem luvas, toque retal desnecessário, toque no corpo da mulher sem seu consentimento, etc.
Uso inadequado de procedimentos	Imobilização no leito, parto em posição de litotomia, jejum prolongado sem indicação, clampeamento precoce do cordão umbilical, uso de ocitocina de forma abusiva, etc.
Negligência do cuidado.	Abandono, retardar o atendimento a mulheres em situações de abortos, recusa em oferecer assistência a mulheres consideradas: “escandalosas”, “desequilibradas”, “questionadoras”, “não cooperativas”, “queixosas”, etc.

Fonte: Autores (2023).

O quadro acima foi criado para proporcionar uma melhor visualização das diversas formas de ocorrência da violência obstétrica, além de facilitar o entendimento dos leitores a cerca do tema, tendo em vista a dificuldade que muitas vítimas possuem para identificá-las durante seu acontecimento.

4. Discussão

Os dados apresentados no Quadro 1, mostram que a violência obstétrica está rotineiramente presente nas instituições de saúde ao redor do mundo. No Brasil, a Fundação Perseu Abramo (FPA) em parceria com SESC, realizou em 2010 uma pesquisa que trouxe a tona o seguinte resultado: uma a cada quatro mulheres relatam ter sofrido algum tipo de violência durante o parto. Em outros termos, têm-se 1/4 ou 25% de prevalência desse tipo de violência sofrida pelas parturientes no país. (Fundação Perseu Abramo, 2010).

Várias literaturas abordam a falta de conhecimento sobre a violência obstétrica bem como o desconhecimento sobre seus direitos garantidos por lei, como fatores de agravos para a ocorrência desse tipo de violência (Silva, *et al.*, 2019).

Alguns estudos abordaram que identificar as características, os motivadores e a prevalência de maus-tratos relacionados à maternidade são essenciais quando se fala em inovação das intervenções e melhorias na qualidade da assistência (Abuya, *et al.*, 2018). Conforme Oliveira, *et al.* (2020), é indispensável o fortalecimento do acompanhamento gestacional por meio de consultas de pré-natais realizadas pelo enfermeiro, com a finalidade de prevenir e promover saúde e educação, esse último, com intuito de disseminar conhecimentos acerca dos direitos das gestantes e sobre a violência obstétrica.

A violência obstétrica (VO) foi caracterizada por diversos autores como abuso psicológico; agressões físicas e verbais; uso de procedimentos inadequados; negligência no cuidado; superioridade e abuso de poder por parte dos profissionais; inferioridade da mulher; discriminação quanto a raça/cor, etc., como apresentado no quadro 2 (Abuya, *et al.*, 2018; Damas, *et al.*, 2021; Kassa, *et al.*, 2020; Mihret, 2019; Molla, *et al.*, 2022; Siraj, *et al.*, 2019).

Nesse contexto, percebeu-se também a prevalência desse tipo de violência em hospitais de pequeno porte com números muito alto de ocorrências (Silva, *et al.*, 2018) um fato preocupante, visto que, demonstra a necessidade de uma melhor capacitação dos profissionais e uma investigação aprofundada desses casos, a fim de aperfeiçoar o tratamento dessas mulheres e encontrar formas de evitar a ocorrência da Violência Obstétrica nesses centros de saúde (Martínez-Galiano, *et al.*, 2021).

Segundo Abuya, *et al.* (2018), uma forma de descobrir e melhorar a qualidade da assistência seria questionar as mães após o parto sobre a experiência do parto e quais os pontos de melhoria para o serviço prestado às gestantes e se em algum

momento ela se sentiu violentada. Em caso de relato de violência obstétrica, seria investigado qual o profissional responsável e puni-lo de acordo com a gravidade do delito, além de treinar a equipe para evitar que novos incidentes venham a ocorrer (Costa, *et al.*, 2022). Nesse contexto, torna-se importante relembrar os profissionais de saúde que a mulher tem o direito de escolha sob a realização de certos procedimentos e que o cuidado digno a todas as puérperas deve ser realizado independente de sua cor, condições financeiras, relações sociais, orientação sexual, etc. (Kassa, *et al.*, 2020).

Entretanto, é de suma importância a criação de políticas públicas de proteção e conforto a gestante, a fim de tornar o parto algo gratificante para mulheres e não um momento traumático que pode ocasionar problemas posteriores (Damas, *et al.*, 2021). Tal como, a depressão pós-parto que é muito frequente em mulheres que passaram por momentos delicados e até traumáticos durante o parto (Zhang, *et al.*, 2018)

Devido a grande quantidade de ocorrência de violência obstétrica e possíveis traumas anteriores muitas mulheres pelo mundo optam pelo parto fora das instituições de saúde, o que traz grandes riscos a saúde da materna e infantil (Molla, *et al.*, 2022). Garantir um processo seguro e humanizado pode mudar a visão das parturientes e aumentar as chances de escolherem o parto em serviços de saúde. De acordo com Siraj, et al. (2019) a atuação de apenas mulheres na assistência do parto poderia gerar uma redução de casos de violência obstétrica, porque elas teriam uma maior noção de como prestar uma assistência de qualidade, oferecendo conforto e segurança por serem mulheres e entenderem melhor o processo do parto.

Relacionaram-se as limitações do estudo a falta de pesquisas de cunho quantitativa realizadas nos últimos anos que apresentassem dados atuais e números reais sobre a ocorrência da violência obstétrica a nível nacional e/ou internacional. No entanto, pesquisas posteriores podem contribuir ainda mais para esse campo de estudo, como por exemplo: pesquisas comparando a prevalência da VO em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, ou estudos que apresentem medidas de combate já implementadas em outros países e como poderiam ser aplicadas no Brasil.

Todavia, a propagação de conhecimentos sobre as múltiplas formas de violência obstétrica juntamente com o conhecimento sobre seus direitos nas escolas e instituições de saúde pode se tornar uma ferramenta essencial no combate e irradiação da Violência Obstétrica (VO) nos serviços de saúde. Além disso, com base nos dados obtidos, fica evidente a importância da criação de legislações em prol da proteção das mulheres, prevenção da violência obstétrica e penalização dos responsáveis juntamente à criação de canais de denúncias e informações para auxiliar no monitoramento do número de casos, no enfrentamento efetivo desse tipo de violência e no empoderamento e entendimento das mulheres sobre a temática.

5. Conclusão

Conclui-se que violência obstétrica é um fenômeno muito presente nas instituições de saúde, o desconhecimento e a falta de informação sobre esse viés se mostraram fatores agravantes para a prevalência desse tipo de violência. Além disso, é ressaltada a necessidade de uma melhor qualificação para os profissionais atuantes na área obstétrica a fim de prepará-los para enfrentar e prevenir atos violentos e desumanos contra as mulheres no processo parturitivo.

Outrossim, é indispensável o fortalecimento do acompanhamento gestacional por meio de consultas multiprofissionais, com a finalidade de prevenir e promover saúde e educação, esse último, com intuito de disseminar conhecimentos acerca dos direitos das gestantes, sobre a violência obstétrica e o empoderamento feminino. Outro fator importante é a criação de uma legislação com o propósito de fornecer uma maior proteção às mulheres durante todo processo do parto e punir os responsáveis por tais atos.

Entretanto, futuros estudos com enfoque no enfrentamento efetivo da violência obstétrica podem contribuir ainda mais para esse campo de pesquisa. Ademais, indica-se aos próximos pesquisadores que tragam estudos mais focados em pesquisas que produzam dados relativos à incidência de casos e medidas de combate. Do mesmo modo, é notória a importância de obras

que abordem a visão de profissionais de diversas áreas da saúde com o propósito de aumentar a compreensão das diversas faces do tema.

Referências

- Abuya, T., Sripad, P., Ritter, J., Ndwiya, C., & Warren, C. E. (2018). Measuring mistreatment of women throughout the birthing process: Implications for quality of care assessments. *Reproductive Health Matters*, 26(53), 48–61. <https://doi.org/10.1080/09688080.2018.1502018>.
- Bezerra, E. O., Bastos, I. B., Bezerra, A. K. B., Monteiro, P. V., & Pereira, M. L. D. (2020). Aspectos da Violência Obstétrica Institucionalizada. *Enfermagem em Foco*, 11 (6), 157-164. <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n6.3821>.
- Costa, L. D., Silva, R. D., Roll, J. S., Trevisan, M. G., Teixeira, G. T., Cavalheiri, J. C., & Perondi, A. R. (2022). Violência obstétrica: Uma prática ainda vivenciada no processo de parturitivo. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, 16 (1), 1-22. <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2022.252768>.
- Damas, L. B., Machado, R. S., Sinclay, A. G. P., & Portales, A. G. (2021). Manifestações de violência durante o parto percebidas por mulheres e profissionais de saúde. *Revista Cubana de Enfermería*, 37 (1), 1-12. <https://revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/3740>.
- Fantástico: Shantal, sobre parte controlada por Renato Kalil: “Não tinha a menor necessidade de ele tentar me rasgar com as mãos” (2022a). *Globoplay*. <https://globoplay.globo.com/v/10196296/>.
- Fantástico: Vítima de estupro durante parto e por anestesista no Rio fala ao Fantástico (2022b). *Globoplay*. <https://globoplay.globo.com/v/10847473/>.
- Fundação Perseu Abramo (2010). Pesquisa Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado. *Fundação Perseu Abramo*, 1-301. https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/pesquisaintegra_0.pdf.
- Jardim, D. M. B., & Modena, C. M. (2018). Violência obstétrica no cotidiano da assistência e suas características. *Revista Latino-Americana De Enfermagem*, 26, e 3069, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2450.3069>.
- Kassa, Z. Y., Tsegaye, B., & Abeje, A. (2020). Desrespeito e abuso de mulheres durante o processo de parto em unidades de saúde na África subsaariana: uma revisão sistemática e meta-análise. *BMC International Health and Human Rights*, 20 (1), 23, 1-9. <https://doi.org/10.1186/s12914-020-00242-y>.
- Lei nº 26.485, de 11 de Março de 2009. Ley de Protección Integral a las Mujeres. Argentina (2009), 1-19. https://www.oas.org/dil/esp/Ley_de_Proteccion_Integral_de_Mujeres_Argentina.pdf.
- Lei nº 38.668, de 23 de Abril de 2007. Ley Orgánica sobre el Derecho de las Mujeres a una vida libre de violencia. Venezuela (2007), 1-41. <https://siteal.iiep.unesco.org/pt/node/1121>.
- Madhiwalla, N., Ghoshal, R., Mavani, P., & Roy, N. (2018). Identifying disrespect and abuse in organisational culture: A study of two hospitals in Mumbai, India. *Reproductive Health Matters*, 26(53), 36–47. <https://doi.org/10.1080/09688080.2018.1502021>.
- Martínez-Galiano, J. M., Martínez-Vázquez, S., Rodríguez-Almagro, J., & Hernández-Martínez, A. (2021). A magnitude do problema da violência obstétrica e seus fatores associados: um estudo transversal. *Women and Birth*, 34 (5), 526–536. <https://doi.org/10.1016/j.wombi.2020.10.002>.
- Mihret, M. S. (2019). Obstetric violence and its associated factors among postnatal women in a Specialized Comprehensive Hospital, Amhara Region, Northwest Ethiopia. *BMC Research Notes*, 12(1), 600, 1-7. <https://doi.org/10.1186/s13104-019-4614-4>.
- Molla, W., Wudneh, A., & Tilahun, R. (2022). Violência obstétrica e fatores associados entre mulheres durante o parto em instalações em Gedeo Zone, sul da Etiópia. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 22 (1), 565, 1-14. <https://doi.org/10.1186/s12884-022-04895-6>.
- Oliveira, M. R. R., Elias, E. A., & Oliveira, S. R. (2020). Mulher e parte: Significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, 14 (0), 1-8. <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.243996>.
- Organização Mundial de Saúde. (2014). A prevenção e eliminação do desrespeito e do abuso durante o parto em estabelecimentos de saúde: declaração da OMS (OMS/RHR/14.23). *Organização Mundial de Saúde*, 1-4. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/134588>.
- Rattner, D. (2009). Humanização na atenção a nascimentos e partos: Ponderações sobre políticas públicas. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 13, 759–768. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832009000500027>.
- Rede Parto do Princípio. (2012). “Parirás com Dor”. Dossiê elaborado pela Rede Parto do Princípio para a CPMI da Violência Contra as Mulheres. *Parto do Princípio*, 1-188. <https://www.partodoprincipio.com.br/viol-ncia-obst-trica>.
- Sánchez, S. B. (2015). A violência obstétrica desde os portes da crítica feminista e da biopolítica. *Dilemata*, 18, 93-111. <https://www.dilemata.net/revista/index.php/dilemata/article/view/374>.
- Sena, L. M., & Tesser, C. D. (2016). Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: Relato de duas experiências. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21 (60), 209–220. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0896>.
- Silva, F. D. C., Viana, M. R. P., Amorim, F. C. M., Veras, J. M. D. M. F., Santos, R. D. C., & De Sousa, L. L. (2019). The knowledge of puerperal women on obstetric violence. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, 13, 1-6. <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.242100>.
- Silva, M. C., Feijó, B. M., Pereira, F. A. N. S., Guerra, F. J. F., Santos, I. S., Rodrigues, G. O., Anjos, S. J. S. B., & Santos, M. P. (2018). Parto e nascimento na região rural: A violência obstétrica. *Revista de Enfermagem UFPE on Line*, 12(9), 2407–2417. <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i9a234440p2407-2417-2018>.

Siraj, A., Teka, W., & Hebo, H. (2019). Prevalence of disrespect and abuse during facility based child birth and associated factors, Jimma University Medical Center, Southwest Ethiopia. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 19(1), 185, 1-9. <https://doi.org/10.1186/s12884-019-2332-5>.

Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: O que é e como fazer. *Einstein*, 8 (1), 102–106. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>.

Fantástico: Vítima de estupro durante parto e por anestesista no Rio fala ao Fantástico (2022b). *Globoplay*. <https://globoplay.globo.com/v/10847473/>.

Zhang, S., Wang, L., Yang, T., Chen, L., Qiu, X., Wang, T., Chen, L., Zhao, L., Ye, Z., Zheng, Z., & Qin, J. (2019). Experiências de violência materna e risco de depressão pós-parto: uma meta-análise de estudos de coorte. *European Psychiatry*, 55 , 90-101. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2018.10.005>.